

A EXPERIÊNCIA DE REALIZAR UMA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: FACILIDADES E DESAFIOS

JÉSSICA SIQUEIRA PERBONI¹; STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – jehperboni@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas – stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A observação participante permite a realização de uma pesquisa social de um modo singular, pois possui privilégio de uma observação mais aproximada adaptando os próprios procedimentos de construção e análise dos dados às características do objeto. Além disso, partilha experiências com as pessoas envolvidas no estudo, configurando um estilo de pesquisa baseado na interação do pesquisador com os participantes. Ainda, é uma técnica que oferta melhores condições de estudar a interação social, atentando para o agir dos indivíduos reciprocamente presentes uns aos outros. Essa interação é observada em seu contexto natural, com profundidade temporal, não retirando o participante do seu contexto, permitindo a conservação da forma completa dos processos sociais, que tomam forma no contexto social em estudo, observando os movimentos e mecanismos que os interligam (CARDANO, 2017).

Esse tipo de técnica de coleta de dados permite que o pesquisador se integre ao grupo a ser estudado a fim de obter as informações necessárias para a pesquisa. É necessário essa integração ao grupo, mas não significa que o pesquisador terá que se transformar no que se está sendo estudado, se igualando aos participantes, mas sim tentar se colocar no lugar do outro, no seu ambiente social, cultural, buscando apreender a vida real deste. Nesse processo é imprescindível que o pesquisador associe de modo incansável a teoria e a prática, além de, olhar para si próprio e questionar-se sobre como e sobre o que está fazendo (MARQUES, 2016).

A participação do pesquisador é o principal instrumento da pesquisa e sua observação prevê graus diferentes de envolvimento desde viver com os participantes até viver como eles vivem, promovendo a interação das relações nos movimentos diários do seu fazer. Nesse sentido, a observação participante tem traços importantes da pesquisa etnográfica. Nesse tipo de técnica de coleta faz-se necessária a elaboração de um diário de campo, a partir das informações que podem ser anotadas em uma caderneta que o pesquisador deve levar consigo durante a observação permitindo que possam ser relembrados os detalhes. As notas de campo devem possuir um nível de detalhe suficiente para que seja possível que o pesquisador seja capaz de colocar em cena as interações e fatos que teve a oportunidade de observar (CARDANO, 2017).

Em suma, a observação participante é uma técnica de coleta de dados diferenciada, que permite ao pesquisador se inteirar de maneira mais precisa do seu objeto de estudo. Entretanto, ainda é considerada uma técnica moderna que depende principalmente da atenção do pesquisador em realiza-la de maneira adequada. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é realizar uma

discussão/reflexão sobre o uso da observação participante como técnica de coleta de dados.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência do tipo reflexivo, derivado a partir da coleta de dados da dissertação em construção: *Modos de subjetivação dos profissionais de saúde para o cuidado frente à morte e morrer na atenção domiciliar*. As observações aconteceram no período de abril a agosto de 2018, e durante os cinco meses foram realizadas na segunda-feira a tarde e quarta e quinta-feira no turno da manhã. O local de pesquisa foi o Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI) tanto dentro da base do serviço, quanto nos deslocamentos da equipe de atenção domiciliar para a realização dos atendimentos. Foi utilizado um roteiro para guiar a observação, permitindo que a pesquisadora mantivesse o foco.

Neste trabalho serão apresentadas as reflexões da pesquisadora em relação à inserção e permanência no campo, mais precisamente discutindo as facilidades e dificuldades em adotar a observação participante como técnica de coleta de dados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na inserção ao campo de pesquisa, os participantes ficam apreensivos, quando o pesquisador explica que a forma de coleta de dados será observacional. Isso porque podem sentir-se vigiados todo o tempo, como se estivessem sendo avaliados. No primeiro momento isso atrapalha o desenrolar da pesquisa, pois alguns participantes podem ficar receosos em dar o aceite e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.

Esta é uma questão que Cardano (2017) chama a atenção para o pesquisador, sobre o participante se sentir perturbado tendo a impressão de estar sendo vigiado ou até mesmo de estar sob exame, podendo acarretar desconfortos ao mesmo.

Após darem o aceite em participar da pesquisa, é possível observar que os participantes ficam controlando suas ações nas primeiras semanas da coleta, pois o pesquisador é visto como um “estranho” no meio do grupo, ou no ambiente observado. Essa questão dificulta a captação dos dados, uma vez que o pesquisador não estará capturando dados fidedignos se os participantes moldarem suas condutas de uma maneira que a tendência dos mesmos seja atender os objetivos da pesquisa.

Conforme o tempo vai passando esse estranhamento vai sendo minimizado, e os participantes acabam introduzindo o pesquisador como parte do grupo, e “naturalizam” essa relação. A partir disso, passam a agirem normalmente, sem modificarem seus modos de ser.

Segundo Cardano (2017), o tempo da observação é imprescindível para considerar a pesquisa com profundidade suficiente que seja capaz de capturar e reconstruir de forma completa os processos sociais. Devido a isso, optou-se pela permanência em campo durante cinco meses, permitindo que o tempo prolongado fosse o suficiente para apreensão dos dados.

No início da observação, os profissionais frisavam que havia uma pesquisadora presente para os demais colegas de trabalho com frases como: “cuidado que a “colega” está olhando tudo, “ela está anotando tudo no

caderninho". Ou quando comentavam algo de que não gostariam que fossem feitas anotações e falavam: "por favor, não anota isso!"

Para realizar a observação é necessário levar uma caderneta em que seja possível realizar anotações com algumas palavras-chaves ou frases permitindo que o pesquisador possa lembrar o contexto que foi visualizado. Lembrar das falas, gestos, cheiros, posicionamentos, são muitos detalhes, que não podem passar desapercebidos.

Para a elaboração de um diário de campo, a partir das informações que devem ser anotadas em um caderno durante a observação. As notas de campo devem possuir um nível de detalhe suficiente para que seja possível que o pesquisador seja capaz de colocar em cena as interações e fatos que teve a oportunidade de observar (CARDANO, 2017).

Essa técnica de coleta é desafiadora, porém desloca o pesquisador a pensar em outras possibilidades para a coleta de dados, e fugir da monotonia de utilizar entrevistas, ou técnicas comuns que já vem sendo trabalhadas há muito tempo pelos pesquisadores.

Nesse sentido, a observação participante pode ser uma técnica que complementa a técnica de entrevista semiestruturada ou livre, e também, pode ser utilizada de modo exclusivo, desde que seja planejada de modo sistemático, com um roteiro, permitindo que sejam respondidos os objetivos da pesquisa (CORREIA, 2009).

Adentrar o campo faz com que seja possível extrair dados riquíssimos e a observação participante permite isso ao pesquisador. A permanência no campo é essencial, para que os participantes não estranhem mais a presença do pesquisador e assim possam agir naturalmente, preservando a qualidade dos dados.

Além disso, a experiência de realizar uma observação participante permite que o pesquisador se debruce ao objeto de pesquisa de um modo mais aprofundado, devido a dedicação que é exigida ao adotar essa técnica de coleta. O pesquisador é o principal instrumento de coleta, portanto, permite que o mesmo esteja em contato constante com os participantes, fazendo com que além de capturar dados para sua pesquisa, passe a refletir sobre o contexto que está sendo explorado. Assim, o pesquisador coleta os dados e ao mesmo tempo aumenta o seu aprendizado ao estar em contato com outras formas de vida, processos de trabalho, contextos, fazendo com que possa refletir diariamente sobre isso.

Destaca-se ainda que a observação enquanto técnica de coleta exige treino, disciplina e preparação do pesquisador, além de outros atributos indispensáveis como atenção, sensibilidade e paciência. Além disso, ao utilizar essa técnica, o pesquisador pode ter a possibilidade de vir a explanar mais facilmente aspectos observados e anotados de maneira mais focalizada, permitindo maior atenção ao objeto de pesquisa (CORREA, 2009).

Aprender a observar, entender o que é importante para a pesquisa e afiar o olhar para que não haja distrações não é uma tarefa fácil, mas permite que o pesquisador já vá pensando em possibilidades de análise, além de permitir que sejam captados os detalhes das interações que acontecem, neste caso entre os participantes e os pacientes.

4. CONCLUSÃO

A observação participante é uma técnica de dados que traz informações muito ricas para a pesquisa qualitativa, principalmente pelos detalhes captados, que permitem um aprofundamento posteriormente na análise desses dados.

Diversos são os desafios que o pesquisador enfrenta ao realizar esse tipo de pesquisa, e devido a isso, o mesmo precisa estar atento para não cometer deslizes durante a coleta sem desfocar dos seus objetivos principais. Entretanto, todas as oportunidades que são oferecidas em uma observação participante, permitindo que o pesquisador possa conviver por um bom tempo com o grupo que será pesquisado, torna-se uma vivência única, que faz com que o mesmo ao final da coleta, com as informações capturadas e os diversos resultados (que só teriam como existir a partir desse tipo de coleta), sinta-se gratificado pela construção de um ótimo trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDANO, M. **Manual de pesquisa qualitativa:** a contribuição da teoria da argumentação. Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 371 p.

CORREIA, M.C.B. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem.** v.13, n.2, 2009.

MARQUES, J.P. A “observação participante” na pesquisa de campo em educação. **Educação em Foco.** v.19, n.28, p.263-284, 2016.